

Quando passei a soleira da porta, a casa precipitou-se sobre mim. Este monte de tijolos e sujidade faz sempre a mesma coisa, lança-se sobre qualquer pessoa que acesse a porta e retorçe-lhe as entranhas até a deixar sem fôlego. A minha mãe dizia que esta casa nos faz cair os dentes e nos seca as vísceras, mas a minha mãe saiu daqui há muito tempo e não me lembro dela. Sei que dizia isto porque a minha avó mo contou, embora nem fosse preciso porque eu já o sabia. Aqui caem-nos os dentes e o cabelo e as carnes e, se não tivermos cuidado, damos por nós a arrastar-nos de um lado para o outro ou prostradas na cama para nunca mais nos levantarmos.

Deixei a mochila em cima da arca e abri a porta da sala de jantar. A avó não estava lá. Também não estava debaixo da mesa da cozinha nem dentro da despensa. Decidi tentar a minha sorte no andar de cima. Abri as gavetas da cómoda e as portas do roupeiro, mas também não a encontrei. Velha de merda. Então vi as pontas de uns sapatos a espreitar debaixo de uma das duas camas. Em qualquer outra circunstância não teria levantado a colcha, porque é melhor não chatear os que vivem debaixo da cama, mas os sapatos da minha avó são inconfundíveis. Overniz brilha de tal modo que conseguimos ver-nos reflectidas do outro lado do quarto. Quando levantei a colcha, encontrei-a a olhar fixamente para as ripas de madeira do estrado. Uma vizinha que a tinha visto sair da arca certa manhã dissera aos jornalistas que a velha estava demente, mas o que sabia aquela maldita coscuvilheira, sempre com o

cabelo mais seboso do que a fritadeira de um restaurante de beira da estrada. Não era demência.

Arrastei dali a velha, sentei-a na cama e sacudi-a pelos ombros. Algumas vezes funciona, outras não, desta vez não funcionou. Quando não funciona é melhor esperar que aquilo lhe passe. Arrastei-a para o corredor, abri a porta do quarto, empurrei-a lá para dentro e tranquei-a. Nesta casa todas as portas podem ser trancadas pelo lado de fora. É uma tradição de família, à semelhança de todas as idiotices que as pessoas fazem no Natal. Temos muitas tradições, como trancarmo-nos umas às outras, mas nunca comemos cordeiro porque os cordeiros não nos fizeram mal nenhum e comê-los parece-nos falta de educação.

Desci as escadas para ir buscar a mochila e voltei a subir. Além das escadas, no andar de cima só há um quarto, que partilho com a velha. Pus a mochila na minha cama, a mais pequena. Tinha sido da minha mãe e, antes disso, da minha avó. Nesta casa não se herda dinheiro nem anéis de ouro nem lençóis bordados com iniciais, aqui os mortos deixam-nos camas e rancores. Sangue ruim e um lugar para nos deitarmos à noite, eis o que se herda nesta casa. Nem sequer me calhou a sorte de ter o cabelo da minha avó, pois a velha apesar da idade ainda o tem forte como uma corda grossa, tão forte que é glorioso vê-lo quando o solta, e eu tenho de me contentar com três ou quatro cabelos murchos e raquíticos que se colam à cabeça e ficam cheios de gordura duas horas depois de os ter lavado.

Gosto da cama porque a cabeceira está cheia de imagens de anjos-da-guarda coladas com celofane. De vez em quando o celofane cai porque está velho e podre mas eu corto logo outro pedaço com os dentes e substituo-o. A minha preferida é aquela em que o anjo olha por duas crianças que estão prestes a cair de um barranco. As crianças brincam num penhasco

e sorriem feitas imbecis como se estivessem no pátio de casa e não à beira de um precipício. São granditas mas ali estão as palermas como se não houvesse risco nenhum. Muitas manhãs olho para as imagens mal acordo para ver se as crianças já caíram. Há outra gravura em que um bebé está prestes a pegar fogo à casa, outra em que uns gémeos tentam enfiar os dedos numa tomada e outra em que uma menina está em vias de amputar uma falange com uma faca de cozinha. Todas sorriem como psicopatas de bochechas rechonchudas e rosadas. A velha colou as imagens quando a minha mãe nasceu para que os anjos a protegessem e todas as noites antes de dormir ambas se ajoelhavam ao lado da cama com as palmas das mãos juntas e rezavam Quatro cantos tem esta cama, quatro anjinhos que nos guardam; dois aos pés, dois à cabeceira, Nossa Senhora na dianteira. Mas os anjos visitaram a velha e ela percebeu que quem tinha feito as gravuras nunca vira anjo nenhum porque eles nunca têm caracóis louros e belos rostos. São todos mais parecidos com insectos gigantes, como louva-a-deus. E a minha avó deixou de rezar porque quem queria que quatro louva-a-deus com enormes olhos e pinças na boca lhe surgissem na cama da filha? Agora rezamos a eles porque temos medo que trepem para o telhado e enfiem as antenas e as patas compridas pela chaminé. Por vezes ouvimos barulho no quarto e subimos para ver o que se passa e deparamos com os seus olhos a observar-nos por entre os buracos nas telhas e então rezamos uma ave-maria para os afugentar.

Tirei a roupa da mochila e pu-la em cima da cama. Quatro *t-shirts*, duas calças de desporto, cinco pares de cuecas, cinco pares de meias e a roupa que vestia quando tinha de ir ao juiz: calças pretas e uma camisa florida. A camisa e as calças eram as mesmas que usava nas entrevistas de emprego porque nesses momentos também queria transmitir a ideia de que era

inocente e boa e que portanto estava mais do que disposta a ser brutalmente explorada. Com o juiz a estratégia de parecer inocente funcionou mas com os empresários não. Julgo que viram a raiva na minha cara porque cerrava os dentes quando sorria. O único trabalho que tive foi cuidar do filho dos Jarabos, que não queriam saber da camisa nem do sangue ruim porque a minha família sempre serviu a deles e assim seria para sempre independentemente da roupa que eu vestisse ou do rancor que lhes tivesse.

Agora a camisa não serve para nada pois está desbotada mas isto não interessa porque não vou ter uma entrevista de emprego e ninguém me vai contratar, não depois do que aconteceu. Não precisarei de cerrar os dentes para evitar que a bílis saia mas a velha diz que terei de aprender a fazer alguma coisa. Diz isto porque não me quer ter por casa o dia inteiro mas tem razão porque se passo muito tempo sem fazer nada fico nervosa e inquieta. Gostava de passear cães só que aqui ninguém me vai pagar por tais tarefas, aqui mantêm-se os cães trancados num curral e agradece-se a quem atire um naco de pão duro por cima do portão de vez em quando.

Bom, continuemos. Quando tirei a roupa da mochila despi a *t-shirt* e troquei-a por uma limpa. Gostava de vos dizer que era bonita mas não é verdade e quero contar-vos as coisas tal como aconteceram e a verdade é que eram ambas igualmente feias e estavam deformadas e desgastadas pelo uso, mas pelo menos a segunda não tinha o fedor bafiento dos autocarros de merda desta terra, que têm um fedor a balneário de ginásio entranhado nos estofos. Guardei a roupa na última gaveta da cómoda embora soubesse que era uma estupidez. No dia seguinte teria de a procurar no armário da cozinha ou nas prateleiras da despensa ou na arca da entrada. É sempre a mesma coisa, nesta casa não se pode confiar em nada mas

sobretudo não se pode confiar nos armários nem nas paredes; nas cómodas, um pouco mais mas não muito.

Ouvi um ruído seco e percebi que a velha batia na porta com a testa. Estava prestes a regressar, mais valia despertá-la antes que se aproximasse da janela do quarto, pois não seria a primeira vez que caía ou se atirava dali, o que para o caso teria o mesmo efeito porque ficaria inválida ou palerma se continuasse a fazê-lo. Voltei à divisão e abri a porta. Desta vez sacudi-a com mais força até que ela voltou a si por inteiro e disse ai, filha, não te senti a entrar. Respondi-lhe que tinha chegado há meia hora mas que ela estivera ausente durante todo aquele tempo. Quando os santos nos levam, não há nada a fazer, disse-me, e vi-a sair do quarto e descer as escadas. Os degraus rangeram como se estivessem prestes a partir-se embora a velha não pese sequer cinquenta quilos. Vista daqui toda ela é pele, toda pelangas sem carne por dentro. Quando descí as escadas já não fizeram ruído. Também não podemos confiar nos degraus.

A velha dava voltas na cozinha, atarefada de um lado para o outro. Eram quase duas da tarde mas eu não tinha fome porque naquela altura eu nunca tinha fome, a única coisa que sentia no estômago era um fastio semelhante ao de um cão doente. Pôs dois pratos fundos na mesa e aproximou a panela. Não tive de perguntar o que havia para comer porque nesta casa comemos sempre a mesma coisa. Habituei-me porque é assim desde que me lembro, mas as pessoas acham que estas refeições são estranhas, por isso aqui vos deixo uma descrição. A velha põe uma panela de água ao lume e vai deitando lá dentro o que tiver à mão, que é normalmente o que colhe da horta ou o que encontra no mato, por vezes também uma mão-cheia de grão-de-bico ou feijão que compra aos camiões que vêm vender na aldeia. A panela ferve durante horas e depois um pouco a cada dia e a velha vai acrescentando coisas segundo lhe apeteça e à

medida que vamos comendo junta-lhe água e mais alimentos e quando o comer fica estragado lava a panela e recomeça. A minha mãe detestava esta comida mas isso não interessa porque como já vos disse a minha mãe foi-se embora há muito tempo. Eu também não gosto mas não digo nada porque não tenho vontade nem força para cozinhar outra coisa.

Deitei vários pedaços de pão no guisado como faço sempre e deixei que se empapassem. A velha tirou uma garrafa de vinho e encheu três copos, um para mim, um para ela e outro para a santa. Anda um pouco abatida, disse ela, e pôs o copo ao lado da figura de Santa Gemma, para a qual tem um altar junto ao lava-loiça. Depois sentou-se ao meu lado na mesa e perguntou se havia muita gente no autocarro. Só eu e o talhante, respondi, e ela perguntou-me se o talhante me tinha dito alguma coisa com aquela sua língua tão babosa e miserável que, se a morderse, se envenenaria a si mesmo. Não disse nada porque nesta aldeia além de desprezíveis as pessoas são cobardes e não nos dizem nada na cara a não ser que se juntem em grupos de quatro ou cinco.

A minha avó levantou-se e deitou mais vinho no copo da santa, até estar prestes a transbordar. Depois benzeu-se. Vamos ver se a Gemmita, esta noite, leva pesadelos ao desgraçado, disse ela, mas eu sabia que não, porque a santa não consegue ocupar-se de todos os miseráveis, e não são poucos, que há nesta aldeia. Temos de ser nós a tratar disso. Quando acabámos, peguei nos pratos e pu-los no lava-loiça. A minha avó foi para a sala de jantar e sentou-se no banco para rezar o terço. Uma ave-maria pelos mortos, uma pelos santos e outra pela Virgem do Monte, que protege a aldeia do alto da serra.

Saí para o pátio da frente e sentei-me no banco de pedra junto à porta. A aldeia está sempre vazia a esta hora, mas seja como for os vizinhos não passam por aqui a não ser que

precisem de pedir alguma coisa à velha. Quando não têm alternativa e se vêem forçados a passar diante da nossa casa a caminho de um olival ou de uma eira, apressam-se como se se tivessem acabado de lembrar que deixaram a torneira do gás aberta. Mesmo assim, alguns ainda arranjam tempo para cuspir na porta do pátio. Os escarros colam-se e deixam manchas brancas quando o sol os seca. Certa noite, alguém despejou lixívia na parreira. As folhas caíram, mas os ramos continuam agarrados à fachada. A minha avó recusou-se a arrancá-la. Deixa que todos a vejam, dizia ela. Num dos ramos pendurou uma imagem de Santa Águeda. O nimbo e a bandeja em que transportava os seios amputados no martírio eram dourados. Uma pega arrancou a estampa e levou-a. Deixámos mais coisas brilhantes para a pega, mas não veio buscá-las, só se interessou pela santa. Compreendi-a perfeitamente.

Ouvi uma voz que me chamava e voltei para dentro. O ar ficara mais pesado, a casa sustinha a respiração. Fui à sala de jantar, mas a velha estava no banco a dormir de boca aberta e rosário na mão. Tornei a ouvir a voz, desta vez vinda do andar de cima. Subi as escadas a correr, mas só consegui ver a porta do roupeiro a fechar-se. Não iria cair naquela ratoeira. Pus uma cadeira à frente do móvel e tranquei-lhe a porta. Voltei-me para sair dali mas antes de chegar ao corredor comecei a ouvir as pancadas. De início eram fracas, depois tornaram-se mais intensas. Vinham do interior do roupeiro, cada vez mais fortes. Então começaram as arranhadelas e as sacudidelas e a porta do roupeiro começou a estilhaçar-se. A madeira partia-se a cada golpe. Do interior do móvel saía um choro de criança que reconheci de imediato porque o ouvira centenas de vezes. Aproximei-me da porta. Nesse momento, a cadeira caiu ao chão e o armário abriu-se. Toda a casa se contraiu em redor daquela divisão, expectante.